

BRINCANDO COM O “LOBISOMEM” E OUTROS POEMAS***PLAYING WITH THE “LOBISOMEN” AND OTHER POEMS***

José Hélder Pinheiro Alves

<https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino

Universidade Federal de Campina Grande

jose.helder@professor.ufcg.edu.br

Resumo

Discutiremos neste artigo a retomada do personagem Lobisomem na poesia destinada a crianças, com ênfase na análise de “Lobisomem”, do poeta carioca Eucanaã Ferraz (2012). Na abordagem de Ferraz destaca-se a solidão da personagem, tendo em vista a rejeição a que é submetida. Refletiremos também sobre as possibilidades de leitura oral do poema dando ênfase ao ludismo sonoro e semântico que sua construção encerra. Partimos de uma experiência de leitura no âmbito familiar, com uma criança, para, a partir daí, pensarmos o lugar da poesia no cotidiano infantil. Respaldando-nos, teoricamente, nas reflexões de Cademartori (2012), Cascudo (2000), Zumthor (2007) e Alves (2018) para afirmar o valor estético do poema e possíveis abordagens em contexto escolar.

Palavras-chave: Lobisomem; Poesia infantil; Leitura oral..

Abstract

In this article, we will discuss the revival of the character 'Lobisomem' (Werewolf) in the poem intended for children, emphasizing the analysis of "Lobisomem" by the Rio de Janeiro poet Eucanaã Ferraz (2012). Ferraz's approach highlights the loneliness of the character, considering the rejection to which she is subjected. We will also reflect on the possibilities of oral reading of the poem, emphasizing the sonorous and semantic playfulness that its construction encompasses. We start from a reading experience within the family context, involving a child, to then contemplate the place of poetry in the daily life of children. Counting on a theoretical support by the reflections of Cademartori (2012), Cascudo (2000), Zumthor (2007), and Alves (2018), we affirm the aesthetic value of the poem and explore possible approaches in the school context.

Keywords: Lobisomem; Poetry for children; Oral reading..

Introdução

A lenda do Lobisomem tem uma grande penetração no imaginário popular. Novelas, filmes, romances retomam, de modo simbólico, a imagem ambígua do homem-lobo. Trata-se de um ser “predestinado” que, em certos dias do mês – nas noites de lua cheia –, se transforma numa espécie de fera. No entanto, é possível encontrarmos uma abordagem mais lúdica deste personagem de nosso folclore, tanto na narrativa quanto na poesia. Discutiremos neste artigo a retomada do personagem Lobisomem na poesia destinada a crianças por alguns poetas. Refletiremos também sobre as possibilidades de leitura oral dos poemas dando ênfase ao ludismo sonoro e semântico que sua construção encerra. Partimos de uma experiência de leitura no âmbito familiar, com uma criança, para, a partir daí, pensarmos o lugar da poesia no cotidiano infantil. Respalda-nos, teoricamente, nas reflexões de Cademartori (2012), Cascudo (2000) e Alves (2018) para pensarmos possibilidades de abordagem do poema no contexto escolar.

A leitura de poesia com crianças, tanto no cotidiano escolar, quanto na experiência familiar, demanda procedimentos metodológicos peculiares. Se se parte de uma concepção de poesia como jogo lúdico com as palavras, cujos sons e sentidos são acionados não para ensinar alguma coisa, mas para estimular a percepção, a imaginação, qualquer procedimento escolar, apoiado em interpretações textuais fechadas, pode mais afastar do que aproximar a criança do texto poético. O mediador – quer seja o professor em contexto de ensino, quer sejam pais, familiares em contexto doméstico – precisa estar atento para os temas que, de algum modo, suscitam o interesse da criança. Por certo, uma criança que faz balé na escola ou noutra ambiente poderá se sentir atraída com maior ênfase por poemas que tematizam de modo lúdico a dança, como a “A bailarina”, de Cecília Meireles, e muitos outros poemas de Roseana Murray com a mesma temática. Ou crianças apegadas a diferentes jogos com bola também poderão se sentir atraídas por poemas ou narrativas em que o jogar bola seja central. Também pode ocorrer que o interesse venha da leitura e não necessariamente anterior a ela. Neste sentido, é importante também oferecer poemas cuja temática não faça parte das experiências das crianças.

Um aspecto determinante no envolvimento do ouvinte/leitor é a realização oral do poema. Ler com expressividade, dando ênfase a determinadas palavras – ora pronunciando-as com mais força, ou mais suavemente; ora de modo mais rápido ou lentamente ou ainda enfatizando certa pausas, criando possíveis apreensões – tudo isto se constitui num instrumento fundamental para o envolvimento dos ouvintes. Lembra-nos Bajard:

A voz do contador é quente ou dura, apta a se dobrar à diversidade dos personagens e emoções. O valor expressivo da matéria sonora, sua musicalidade, podem assim estar desarticulados de seu valor linguístico. Uma mesma palavra, um único pronome podem transmitir múltiplas mensagens. (BAJARD, 1994, p. 97).

A reflexão que apresento aqui sobre o poema “Lobisomem”, de Eucanaã Ferraz, nasceu de uma experiência individual com uma criança entre 5 e 6 anos em contexto familiar. Não havia um projeto de leitura a ser realizado, antes, buscava-se criar, cotidianamente, alguns minutos antes da dormida, um tempo para leitura de pequenas narrativas ou de poemas. Também não havia perguntas a serem respondidas nem uma ordem a ser seguida. Buscava-se uma ênfase na realização oral e, ao mesmo tempo,

sempre se respeitou as interrupções realizadas pela criança – quer por desinteresse momentâneo, quer como forma de interação. Repetia-se trechos que acabavam de ser lidos, encenando através de um gesto, uma passagem – por exemplo, pulando, correndo e até mesmo gritando nalgumas ocasiões. Se nas leituras de “Lobisomem” houve um engajamento forte repetidas vezes, nem sempre isto ocorreu com outros poemas lidos. Importante destacar, portanto, que as experiências de leitura têm altos e baixos, horas de perfeita interação e outras de desinteresse.

1. Lobisomem: do imaginário coletivo aos versos

Quem viveu no mundo agrário, sobretudo num tempo em que o recurso da iluminação pública não havia chegado, conviveu de modo forte com personagens como Lobisomem, Mula-sem-cabeça, Caipora, Curupira, Saci-Pererê e tantos outros. Por certo, nem todos tinham aparição noturna, mas a noite era concebida sempre como um tempo de contar, talvez como descanso depois de dias cheios de labuta. O tempo noturno é marcado pelos encantamentos, metamorfoses acionados pela imaginação.

Na nossa cultura, a imagem do Lobisomem sempre foi bastante forte, aspecto que foi recolhido pela literatura, pelo cinema e pela iconografia. José Cândido de Carvalho o tem como personagem central em seu romance *O coronel e lobisomem*. Também nosso cancionista popular explorou a imagem do Lobisomem, como se pode observar na canção “Mistérios da meia noite”, do cantor e compositor Zé Ramalho. A canção destaca um possível encantamento entre uma jovem e um lobisomem, como pode ser depreendido dos versos:

(...)

Impérios de um lobisomem
Que fosse um homem
De uma menina tão desgarrada
Desamparada, se apaixonou

Naquele mesmo tempo
No mesmo povoado se entregou
Ao seu amor porque
Não quis ficar como os beatos
Nem mesmo entre Deus
Ou o capeta
Que viveu na feira

(...)

Destaca-se na canção o drama amoroso construído entre o lobisomem e a paixão de “uma menina tão desgarrada”. Aqui, a figura do lobisomem pode ser lida como um símbolo do diferente, que atrai a fantasia da moça.

A imagem do lobisomem é impregnada pelo mistério, conforme está posto na estrofe inicial da canção:

Mistérios da Meia Noite
Que voam longe
Que você nunca
Não sabe nunca
Se vão se ficam
Quem vai quem foi

O mistério ante a figura, posto na primeira estrofe, abre-se para diferentes percepções, uma vez que não se tem uma definição concreta, objetiva. O mistério, portanto, é aquilo para o qual não se tem uma explicação lógica, racional.

No âmbito da literatura de cordel o mito do Lobisomem também comparece. Destacamos uma representação mais curta, de Longobardi (2009, p. 14), que sintetiza com força estética uma percepção da personagem:

Em noites de lua cheia
ele em lobo se transforma.
O lobisomem sozinho,
tão triste em sua forma,
com seu uivo longo e alto,

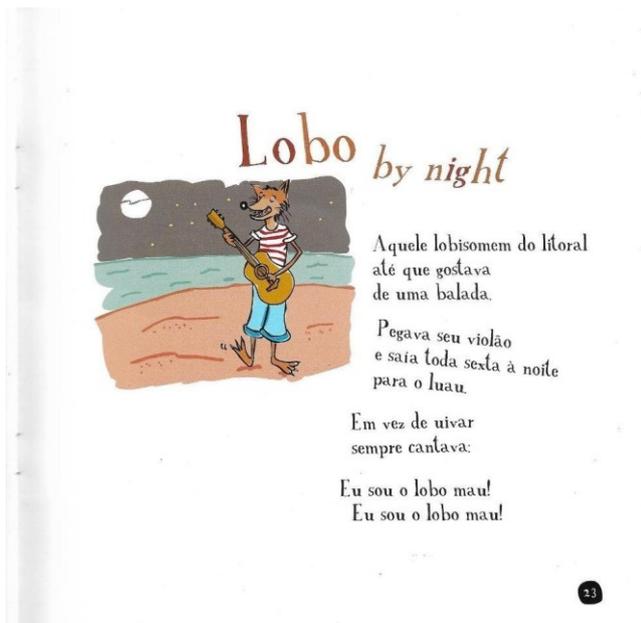
em sua dor se transforma.

Quando amanhece o dia,
o homem amaldiçoado,
voltando a ser mortal,
retorna, muito abalado,
esperando ter um dia
o seu encanto quebrado.

As sextilhas apontam duas características atribuídas ao Lobisomem: primeiro, a sua dor e solidão; segundo, a sua maldição e o desejo de ter o “encanto quebrado”. A ideia de predestinação é sempre marcante na configuração simbólica da personagem. Chama-nos a atenção o verso “em sua dor se transforma”, uma vez que pode referir-se tanto à metamorfose de homem em fera – mudança do corpo, portanto, deve ser dolorosa –, quanto à dor advinda da consciência de sua condição.

Outra perspectiva de abordagem do poema nos é apresentada pelo poeta paraibano André Ricardo Aguiar, com seu “Lobo by night”

Figura 1 - Lobisomem Ricardo Aguiar



Fonte: Aguiar, (2013)

Um aspecto a ser destacado nas várias versões do Lobisomem é que seu encantamento ocorre sempre nas noites de lua cheia. Ou seja, é no momento em que a natureza nos oferece momentos fortes de encantamento que a predestinação se revela. Popularmente afirma-se que nesta fase da lua algumas pessoas, com problemas mentais, ficam mais afetadas.

Câmara Cascudo (1984) nos informa que o Lobisomem é um mito universal, que aparece também na tradição africana e indiana. Trata-se, portanto, de "mito geral dos povos indo-europeus, é aquele que por seu fado se transforma à noite em lobo, jumento, bode ou cabrito montês." (CASCUDO, 200, p. 441) Para Cascudo (1984, p. 181), no Brasil "o lobisomem só desencanta ferido." Informa-nos ainda o folclorista que ele "ataca animais novos e crianças para beber o sangue, sugando pela carótida" (p. 181). Nos poemas, no entanto, este viés trágico-violento desaparece, ficando apenas o drama da predestinação do Lobisomem.

A tendência de alguns dicionários, como o importante Caldas Aulete, é caracterizar o mito como credence popular, expressão que revela um certo preconceito, como se a manifestação revelasse um atraso no âmbito da racionalidade, conforme se observa: "Criação fantástica da credence popular, que consiste em um homem transformar-se em lobo, o qual anda errante de noite até que qualquer o fira para terminar o seu fadários." (AULETE, 1980). No Brasil, o Dicionário Houaiss e Aurélio seguem mais ou menos a mesma perspectiva.

Há algumas peculiaridades na abordagem da temática pelo poeta. Primeiro, destaca-se um tom de compadecimento. Das oito estrofes em que se estrutura, quatro se iniciam com “Pobre Lobisomem,” e, logo a seguir, explicita-se a razão desta atitude. São enumeradas várias de suas características, marcadas pela polaridade: lobo e homem, sozinho e triste. Portanto, a personagem não é espezinhada, nem descrita de modo assustador ou grotesco, como em muitos filmes e na iconografia em geral. No que se refere aos traços físicos, destacam-se as “garras”, “pelos” e “patas” e um dado curioso: estes componentes são responsáveis por “ferir” “o que ama”. E aqui mais um traço significativo: o Lobisomem ama, portanto, não se trata meramente de uma fera. A solidão da personagem se acentua na quinta estrofe, que nos revela que “nas noites de lua cheia/seu uivo é fundo,/seu uivo é frio.” E a solidão se intensifica pelo seu destino: “não pode ser só lobo/nem pode ser só homem/ o coitado.” Mais uma vez se acentua o tom de compadecimento que o poema enfatiza no verso final. E mais: é “coitado e pobre”, conforme a estrofe final, uma vez que também “não pode deitar e dormir”, isto é, ter uma vida tranquila, como todo mortal.

Do ponto de vista da construção, ressalte-se a presença forte do paralelismo nas três estrofes iniciais, criando uma espécie de ladainha que enfatiza a condição da personagem na percepção do eu lírico. A repetição de palavras, também confere peculiar musicalidade ao texto, como os inúmeros *porquês* anafóricos – o que, por sua vez, liga-se ao sentido geral do poema que revela uma percepção diferenciada da personagem.

Lembra Cademartori (2012) que:

Quando as palavras não cumprem apenas a função de referir-se a algo, mas, em estado de poesia, passam a atrair atenção para si mesmas, elas se organizam em unidades recorrentes, reiterativas, de que o verso é a feição mais conhecida. Quando isso ocorre, em experiências com a poesia na infância, podemos, então, perceber aspectos materiais da língua, como as unidades de som que, em geral, passam despercebidas. (CADEMARTORI, 2012, p. 101)

É o que se pode observar no poema de Ferraz que, entre outros recursos, se destacam as assonâncias do /u/ e /i/ na estrofe cinco e constitui-se numa espécie de imitação sonora do sentido – de profundidade e dimensão térmica –, o que aponta para a possibilidade de um jogo performático estimulante. O verso em que a vogal “u” se alonga, sugere, ao mesmo tempo, o uivo doloroso do lobisomem.

Os versos curtos – e livres – convidam a uma leitura rápida, com alguns momentos de moderação do andamento, como no penúltimo verso. Lembremos que a métrica varia entre 4 a 6 sílabas, o que contribui para uma leitura mais acelerada nalguns momentos. Mas é a leitura oral repetidas vezes que vai configurando as possibilidades de performance oral do poema. Para os que sentem dificuldade neste processo, Pinheiro (2018, p. 31) sugere a audição inúmeras vezes, de intérpretes como Maria Bethânia lendo Fernando Pessoa ou Paulo Autran lendo Drummond e outros poetas brasileiros.

3. A descoberta do lobisomem

Foi numa atividade escolar sobre lendas e personagens folclóricos que a criança teve contato com a figura do Lobisomem. De algum modo a personagem a impressionou uma vez que passou a fazer perguntas sobre ele. Também coincidiu que, no mesmo período, ela assistiu a um episódio de *O sítio do Picapau amarelo*, denominado *Lobisomem no sítio*, em que Pedrinho, após encontrar-se com um lobo, que olha nos seus olhos, passa a sentir mudanças no seu corpo e chega a se transformar no referido lobo¹. No entanto, no episódio do Sítio, Pedrinho, seguindo a orientação de Tio Barnabé –que pode ser considerado representante da sabedoria popular –, volta a ser criança. Neste contexto foi que trouxemos o poema de Eucanaã Ferraz para leitura oral no ambiente noturno já assinalado.

A primeira leitura foi ouvida com bastante atenção, uma vez que a criança estava envolvida com a imagem da personagem, conforme mencionamos no parágrafo anterior. Foram feitas duas leituras e, na segunda, se esboçou já uma participação maior, sobretudo no momento do uivo, em que “encenou” um pouco de medo.

Para nossa surpresa, no segundo dia, ela mesma solicitou a leitura do poema. E aí fizemos uma leitura mais enfática, sobretudo dos versos que se referem às patas, aos pelos e às garras. Era como se fôssemos o Lobisomem e atacássemos a criança. Neste momento houve um forte envolvimento e a repetição dos versos e das ações por várias vezes. A partir de então, foram cerca de dois meses lendo repetidamente o poema e brincando com ele ao longo das estrofes. Ora um era o lobisomem correndo atrás do outro, ora o contrário. Também o trabalho vocal se destacava nalguns momentos: o uivo fundo, pelo alongamento da vogal u: fuunununundo foi intensamente explorado. O mesmo procedimento ocorria com o frio: friiiiiiiiiio e com as “noites cheias de/luuuuuuuuuua”, que já traz na forma registrada a indicação do alongamento. Ou seja, buscávamos explorar, ludicamente, recursos sonoros e ações postas no poema. Tratava-se de uma vivência corporal, performática, tanto do leitor quanto do ouvinte que, a partir de certos momentos, se misturavam.

Inicialmente, partiu-se do ouvir, através da leitura e releitura. E o ouvir como que aciona o dizer com e o encenar. É sempre recomendável destacar a importância da audição. Lembra-nos Zumthor que se trata do primeiro sentido a que temos acesso ainda no ventre de nossas mães

Voz implica ouvido. Mas há dois ouvidos, simultâneos, uma vez que dois pares de ouvidos estão em presença um do outro, o daquele que fala e o do ouvinte. Ora, a audição (mais que a visão) é um sentido privilegiado, o primeiro a despertar o feto [...]. O ouvido, com efeito, capta diretamente o espaço ao redor, o que vem de trás quanto o que está na frente. (ZUMTHOR, 2007, p. 86/87)

Cantamos para as crianças, conversamos com elas ainda na barriga da mãe. E quando nascem, os bebês já identificam seus pais pelo tom de voz. Por certo, aprofundar a importância da voz na leitura da poesia, nas contações de história precisa ser sempre estimulado.

¹ Veja-se o referido episódio em: https://www.youtube.com/watch?v=On_KRbOIT_I

Considerações finais

Embora o poema já me fosse familiar, a vivência de leitura no contexto familiar me despertou para suas peculiaridades, suas riquezas sonoras e semânticas. À medida que íamos lendo, descobríamos novas possibilidades performáticas e íamos experimentando. Havia também os momentos mais passivos, diria quase contemplativos, possibilitados pela leitura num tom de compadecimento, como nas estrofes cinco e seis. A experiência revelou-se bastante lúdica, uma vez que se vivenciou, corporalmente, o poema, jogando com seus sons, correndo dentro de sua sugestão de movimento, parando-se para sentir frio e até imaginando a lua e o espaço solitário da “pobre fera”.

Neste sentido, acreditamos que a experiência realizada pode servir de estímulo à vivências de leitura em sala de aula, em que se experimente diferentes realizações orais e percepções diversas do mito do lobisomem. A atitude compadecida do eu lírico pela personagem, posta no poema, pode ser lida como uma visão mais humanizada da fera e até mesmo a possibilidade de uma leitura simbólica. Afinal, quem não viveu momentos de solidão, de incompreensão em que se sentiu diferenciado, pobre e só?

Pensando na sala de aula, uma possibilidade de abordagem é: após a leitura e releitura de cada poema, e de ouvir das crianças suas histórias relativas ao lobisomem, pode-se ter uma conversa comparativa sobre os poemas. O que têm em comum, além da personagem lobisomem? O que os diferencia? Em qual deles há um tom de compadecimento mais forte? Nos poemas a personagem tem voz, ou é apresentada por uma terceira pessoa? E as diferentes ilustrações, o que trazem de significativo na percepção das crianças? O mediador pode, inclusive, mostrar várias imagens do lobisomem e conversar sobre elas e possíveis aproximações – ou não - com os poemas lidos.

A poesia, portanto, pode favorecer uma convivência lúdica, corporal, inventiva, capaz de estimular a imaginação, a percepção do leitor em formação. E todos somos leitores em formação. Lendo com crianças aprendemos a valorizar determinadas ações, gestos, sons para os quais não dávamos a devida atenção. Conforme lembra Huizinga (1980, p.143), “Toda poesia tem origem no jogo: o jogo sagrado do culto, o jogo festivo da corte amorosa, o jogo marcial da competição, o jogo combativo da emulação da troca e da invectiva, o jogo ligeiro do humor e da prontidão.” Cada leitura do poema é uma forma de reviver essa dimensão lúdica, pela experiência corporal – os gestos, os movimentos, a modulação da voz, a expressão fisionômica.

O trabalho com o poema com crianças se torna efetivo e contribui para sua educação artística quando favorece uma vivência do texto e suas imagens, seus sons, seus movimentos, suas pausas. A dimensão educativa da leitura de um poema como este pode estar no exercício de diferentes tonalidades que as palavras da língua possibilita e de sua conseqüente expressão de sentimentos, desejos e percepções. Também há que se reforçar que não há uma apresentação preconceituosa da personagem, antes uma espécie de compadecimento ante o destino a que, involuntariamente, foi submetida, ou seja o seu fado.

Referências

AGUIAR, André Ricardo. **Chá de sumiço e outros poemas assombrados**. Ilustração Layse Costa. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1980.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 1994.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2ª. Ed Belo Horizonte: Autêntica, 2012

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universitária, 1984.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.

FERRAZ, Eucanaã. **Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos**. Ilustração de André da Loba. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João P. Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LONGOBARDI, Nireuda. **Mitos e lendas do Brasil em cordel**. São Paulo: Paulus, 2011.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa P. Ferreira. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução Jerusa P. Ferreira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.